



Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História

ISSN: 0104-236X

anos90@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Domingues, Petrônio

A aurora de um grande feito: a herma a Luiz Gama

Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 23, núm. 43, julio, 2016, pp. 389-416

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574070209005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A aurora de um grande feito: a herma a Luiz Gama

Petrônio Domingues*

Resumo: A finalidade deste artigo é reconstituir a trajetória da campanha pela construção de uma herma em homenagem a Luiz Gama, em São Paulo, entre 1929 e 1931. Pretende-se demonstrar que campanha foi usada pelos “homens de cor” para conferir centralidade e visibilidade a um de seus maiores ícones da história. No entanto, essa mobilização racial não assumiu tão somente um sentido simbólico. Tomada como veículo impulsionador do debate em torno das questões e expectativas de inserção, reconhecimento e cidadania dos “homens de cor”, a campanha também adquiriu sentidos e contornos políticos.

Palavras-chave: “Homens de cor”. Memória. Monumento. Pós-Abolição.

Introdução

São Paulo, 31 de agosto de 1929. Em artigo estampado no jornal *Progresso*, João Eugênio da Costa reportava-se às homenagens que os outros países do continente americano (como Bolívia, Argentina e Estados Unidos) prestavam aos seus heróis, inclusive com a construção de estátuas. A partir dessa constatação, o articulista conclamava pela necessidade de seus “irmãos de cor” seguirem o mesmo exemplo, premiando os esforços de quem os libertou, como Luiz Gama e José do Patrocínio: “Não está em tempo para que nós, que há quarenta anos somos livres, paguemos aqueles intimoratos soldados da Abolição, o quanto fizeram para reintegrar-nos no meio social em que vivemos?”¹

* Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Doutor em História pela Universidade de São Paulo – USP. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: pjdomingues@yahoo.com.br.

Na edição seguinte do *Progresso*, João Eugênio da Costa ocupou a primeira página do mensário para publicar uma espécie de artigo-manifesto de lançamento da campanha pela construção da herma em homenagem a Luiz Gama. Segundo o articulista, São Paulo era o estado vanguardista de quase todas as iniciativas nacionais. Seu laborioso povo contribuía bastante para o progresso que punha em destaque essa terra de “gloriosas tradições”. Nessa “colmeia de gente de todas as raças”, o negro ocupava lugar destacado. As “colônias” de imigrantes ali radicadas “embelezavam” as praças públicas com “[...] monumento ou herma a homens que sobressaíram em seus países”. O Centro Acadêmico XI de Agosto, ligado à Faculdade de Direito, já havia feito valer sua força, “colocando na Avenida Paulista o poeta máximo da nossa nacionalidade – Olavo Bilac”. O mesmo procedimento teve as “classes laboriosas” com o líder operário Carlos Garcia. “Só nós pretos”, argumentava Eugênio da Costa, “[...] não temos ainda numa praça um homem que na mudez do bronze fale do valor do negro, que [a Princesa] Isabel fez ingressar na sociedade que o relegava”. Luiz Gama “[...] pelo que fez aos seus irmãos, na hora de ressaltar os valores, não deverá ser esquecido. Se fôssemos mais ciosos do nosso patrimônio moral, há muito teríamos erguido a herma ao ‘filho dileto da desgraça’ – altar para retemperar o nosso civismo”. Para encerrar o seu arrazoado, Costa fazia um apelo pungente aos seus irmãos de cor: “A herma a Luiz Gama urge que levantemos! Pretos! Nossos irmãos, atiremos, resolutos, hoje, na voragem da luta, certos, porém, que é a véspera de uma reconfortante vitória!”.²

A partir desse artigo-manifesto, um grupo de intelectuais e ativistas negros vinculados ao jornal *Progresso* resolveu liderar uma campanha pública pela construção de uma herma em homenagem a Luiz Gama. A campanha despertou a atenção de diversos atores, agências e redes de interlocução, ganhando uma dimensão multifária surpreendente. A finalidade deste artigo é reconstituir a trajetória dessa campanha e demonstrar que ela foi usada pelos “homens de cor” para conferir projeção e visibilidade a um de seus maiores ícones da história. No entanto, essa mobilização racial não assumiu tão somente um sentido simbólico e identitário. Tomada como veículo impulsionador do debate em torno das questões e expectativas de inserção, reconhecimento e cidadania dos “homens de cor”, a campanha também adquiriu sentidos e contornos políticos.

O artigo busca estar em sintonia com os debates em torno do processo de politização da memória pública da escravidão no espaço Atlântico. Há escassez de iniciativa no Brasil em relação à memória do cativo. Com exceção de alguns poucos monumentos, quase sempre de iniciativa dos movimentos sociais, a África e a escravidão estão praticamente ausentes do espaço público. Os monumentos trazem, assim, espaços de disputas e embates nos umbrais de muitas memórias e histórias do cativo (ARAÚJO, 2010).³

***O vulto* Luiz Gama: entre a história e a memória**

Em junho de 1928, Argentino Celso Wanderley e Lino Guedes selaram uma parceria e lançaram o *Progresso*, jornal cuja finalidade central era “[...] propugnar pelos oprimidos tendo como diretriz única elevar o nome da [...] Raça [negra]”.⁴ Conforme indicava o cabeçalho, Argentino Celso Wanderley era o “proprietário” e Lino Guedes o “editor”.⁵ Já na primeira edição, *Progresso* mencionava o perfil de seu público-alvo e seu objetivo de envidar esforços pela prosperidade “moral” da população negra. Assim, o jornal autoidentificava-se como fazendo parte da *imprensa negra*. “Para a grandeza da imprensa negra do Brasil”, diziam o editor aos seus leitores, “[...] é bastante que V. S. tome uma assinatura do *Progresso*”.⁶ Pelas páginas do jornal, veicularam-se notícias sobre cotidiano, mercado de trabalho, educação, família, comportamento, vida social, questões raciais, nacionalidade, mundo religioso, memória da escravidão, ícones afro-diaspóricos, cultura, lazer e a experiência negra pelo mundo. Esta, aliás, foi uma das inovações do periódico: ter forjado uma perspectiva de conexão racial transnacional, transatlântica. De todos os rincões do mundo, da Austrália aos Estados Unidos, passando pela África do Sul e França, *Progresso* reverberava acontecimentos relacionados ao negro e à sua luta emancipatória. O jornal vivia não só de transmitir notícias e informações atinentes aos negros da diáspora. A organização e articulação político-culturais dos afro-paulistas também fez parte de seu universo de preocupações. Durante os seus mais de quatro anos de vida, *Progresso* animou múltiplas atividades – como reuniões sociais, sessões solenes, comemorações das efemérides abolicionistas,

palestras, romarias cívicas –, sendo a mais importante delas a campanha pública em vista da instalação de uma herma a Luiz Gama.

Em diversos momentos, o jornal exaltou esse personagem, sempre abordado por um viés celebrativo e discurso de virtudes. Partindo do pressuposto de que Luiz Gama teria sido um dos “vultos” mais salientes nos “feitos” da batalha “redentora” da campanha abolicionista em São Paulo no século XIX, *Progresso* traçava um pequeno retrato da sua “aureola luminosa”:

Luiz Gama possuía a elegância de um príncipe, trajando habitualmente fraque ou sobrecasaca e chapéu alto; tudo de cor de cinza, muito elegante. À tarde descia com uma pontualidade inglesa até o Brás [bairro da cidade de São Paulo], onde, nessa época residiam os políticos, jornalistas e mais homens de distinção social, a fim de *cavaquear* com os amigos [...]. A sua presença era uma aleluia nas ruas, porque nenhum homem preto o avistava sem vivas demonstrações de incontida alegria. Abraçava a todos, indagando sempre dos momentos de fugitivos, pondo-se como escudos entre eles e a justiça medievalesca do tempo. Foi o ídolo de todos os corações generosos. A história [...], na perpetuidade das suas páginas, consagra o nome deste liberto extraordinário, lutador de tempera, em cuja mão tudo se transformava em arma de combate, desde a razão jurídica dos fatos consignados até a despreensão da poesia.⁷

Para Lino Guedes, o abolicionista negro “[...] aparece aos pósteros como um vulto singular de lutador, intrépido, enérgico, clarividente, bravo e generoso, que amava apaixonadamente as plagas auríferas de Cabral, sem escravos”. Pelos seus ideais batalhou nos “[...] prélios incruentos das tribunas públicas, não trepidando em arriscar a vida, à frente da massa de libertos”. Dotado de espírito de liderança, “[...] era uma personalidade forte, talhada em *sílex*, e que não excluía a tolerância e a transigência quando assim exigia a nobre causa a que devotara”.⁸ Lino Guedes e seus parceiros do *Progresso* promoviam um verdadeiro culto a Luiz Gama. Isso se explica pela trajetória de vida deste ex-escravo e abolicionista nos marcos do regime de cativeiro. Uma sucinta repassada em sua biografia lança luzes nas razões pelas quais ele se tornou um mito entre os afro-paulistas.

Figura 1 – Luiz Gama.



Fonte: Autor desconhecido, sem data. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Filho de uma escrava africana, Luiza Mahin, com um fidalgo português, Luiz Gonzaga Pinto Gama nasceu em Salvador, capital da província da Bahia, no dia 21 de junho de 1830. Por volta dos dez anos de idade, foi vendido ilegalmente como cativo pelo pai. Viajando em um navio do tráfico interprovincial de escravos, desembarcou no Rio de Janeiro em 1840; depois, em Santos, de onde seguiu a pé até Campinas. Não sendo ali comprado por ser “baiano”, isto é, “rebelde”, dirigiu-se a São Paulo para viver como escravo do comerciante Antonio Pereira Cardoso. Mesmo enfrentando as agruras do cativo, aprendeu a ler e escrever. Aos dezoito anos, fugiu da casa de seu senhor, após conseguir, misteriosamente, provas de sua liberdade. O fato é que em 1848 Luiz Gama já não era escravo e servia como praça da Força Pública de São Paulo.

Ali permaneceu durante seis anos, quando recebeu baixa. Graças às amizades contraídas com pessoas influentes, conseguiu a nomeação para o cargo de amanuense da Secretaria de Polícia, onde permaneceu por mais de doze anos. Em 1859, publicou a primeira edição das *Primeiras trovas burlescas de Getulino* – obra poética na qual construiu sua imagem como um homem orgulhoso de sua cor. O livro significou a sua inserção no mundo das letras, inserção que foi reforçada ao longo de sua experiência no jornalismo, seja como articulista, seja como editor. Ao lado do caricaturista Ângelo Agostini, lançou o *Diabo Coxo*, um semanário “informativo, crítico e humorístico”. Polemista, abraçou com ardor a causa abolicionista e se tornou maçom. Não se sabe exatamente desde quando ingressou

na maçonaria; contudo, chegou a ser condecorado com o grau 18 – Soberano Príncipe da Rosa Cruz, um dos graus mais importantes do rito escocês. O ano de 1869 foi de intensa atividade para ele na imprensa, na política e no fórum. Em parceria com Rui Barbosa, fundou e tornou-se o redator do *Radical Paulistano*, órgão do Partido Liberal Radical paulista. Por advogar a favor dos escravos contra os “crimes da Justiça”, foi demitido do cargo que exercia na Secretaria de Polícia. Passou a viver definitivamente como advogado, mediante uma provisão concedida pelo Tribunal da Relação.

Por essa época, Luiz Gama já havia ascendido como uma figura conhecida e influente na cidade de São Paulo. Paralelamente as lides abolicionistas, engajou-se de “corpo e alma” na campanha republicana. Tornou-se proprietário e redator d’*O Polichinello*, semanário humorístico que circulou no ano de 1876. Estabeleceu sua banca de advogados e foi eleito Venerável da Loja América de maçonaria. No início da década de 1880, o combativo ex-escravo era uma das principais referências da campanha republicana e abolicionista. Basta dizer que, em 1881, surgiu a Caixa Emancipadora Luiz Gama e, no ano seguinte, ele próprio fundou o Centro Abolicionista de São Paulo, com apoio de sua loja maçônica. Estima-se que, militando nas barras dos tribunais, conseguiu a alforria de centenas de escravos. Aliás, atribui-se a ele a frase: “Perante o Direito, é justificável o crime de homicídio perpetrado pelo escravo, na pessoa de seu senhor”. No dia 24 de agosto de 1882, Luiz Gama veio a óbito, no auge de sua popularidade. Segundo as crônicas da época, seu funeral foi bastante concorrido. As ruas do centro da cidade de São Paulo foram tomadas por negros e brancos, cativos e homens livres, “gentalha” e “figurões”, abolicionistas e senhores de escravos, conservadores e republicanos, brasileiros e imigrantes. Todos comovidos, se não em lágrimas, pela perda de um cidadão que virou sinônimo de luta pela liberdade. A imprensa noticiou muitas homenagens póstumas que lhe foram prestadas, por toda a província de São Paulo e pelo país.⁹ As atividades empreendidas por Luiz Gama em defesa de seus “irmãos de cor” justificavam, assim, o culto quase mítico a ele dedicado por Lino Guedes e seus parceiros do *Progresso*. Com efeito, o abolicionista negro igualmente era admirado por ter se destacado no mundo das letras sem abrir mão de seu discurso de orgulho racial – com a publicação do

livro *Primeiras trovas burlescas de Getulino* –, por ter feito carreira na grande imprensa, colaborando como articulista ou editor de importantes periódicos e, talvez o mais significativo, Luiz Gama era celebrado por ter sido um negro de “sucesso”, respeitado e reconhecido por estratos da “boa sociedade” – alguém que teria superado todos os obstáculos da vida com esforços próprios, um verdadeiro *self made man*.

Depois de sua morte, ele foi consagrado como uma lenda, ou seja, converteu-se num símbolo de virtudes e ícone de resistência, sacrifício e luta a favor da causa (AZEVEDO, 2010, p. 227), por isso as associações dos afro-paulistas costumavam realizar uma romaria cívica todos os anos no dia treze de maio – data comemorativa da extinção do cativo – para visitar o túmulo daquele abolicionista e lhe render homenagens. Surgiram inclusive associações que levavam o seu nome.¹⁰ Os jornais da *imprensa negra*, por sua vez, procuravam ressaltar a sua contribuição para a luta emancipatória, apontá-lo como exemplo a ser imitado e, sobretudo, introjetar, no leitor, o respeito, a admiração e o sentimento de orgulho por seus feitos em defesa da “raça”. Verifica-se, por parte de Lino Guedes e seus companheiros do *Progresso*, um empenho para que Luiz Gama não fosse esquecido. Sua biografia – contada e recontada em edições consecutivas do jornal – era laudatória e apresentada de maneira instrumentalizada. Nesse sentido, não se buscava a exatidão dos fatos, para não correr o risco de desconstruir o mito. Nem se tentava revelar a complexidade do personagem, mas simplificá-lo; fazia-se do indivíduo, antes de tudo, o símbolo de virtudes (PINTO, 2013, p. 180). A apropriação de sua memória imortalizou-o no panteão dos “heróis da raça”.

Colocando o bloco da campanha na rua

Em doze de outubro de 1929, o *Diário Nacional* veiculou como se deu a origem do movimento em prol da construção da herma em homenagem ao autor de *Trovas burlescas*:

O *Progresso*, jornal dirigido por negros, que se edita em São Paulo, encabeçou, a princípio, a ideia de homenagear-se o centenário de Luiz Gama. Lançada a ideia, foi ela discutida,

ventilada, agitada, aqui e ali. Alguns elementos se reuniram para determinar sobre possíveis festas. Dentre estes, destacava-se Lino Guedes, o escritor delicado de *O canto do cisne preto*. Lino Guedes sugeriu, endossada por outros, a ideia de erigir uma herma ao autor de *Trovas burlescas*. Cimentou-se tal projeto. E, agora que avizinha da data do centenário [de nascimento deste autor], é questão definitiva, a ereção da herma.¹¹

Portanto, foi Lino Guedes quem primeiro teve a ideia de construir um monumento em tributo a Luiz Gama.¹² Em setembro de 1929, o “escritor delicado de *O canto do cisne preto*” e editor do *Progresso*, convidou os colaboradores e amigos do jornal para formar a “Comissão Pró-Herma a Luiz Gama”, que ficou assim constituída: presidente, Alípio Antônio da Silva; secretário-geral, o próprio Lino Guedes; tesoureiro, Horácio da Cunha; comissão de propaganda, Euclydes Silvério dos Santos, Argentino Celso Wanderley, Benedicto Dias e João Eugênio da Costa. Como primeiras medidas, a Comissão endereçou um requerimento à prefeitura de São Paulo, solicitando que se designasse um largo ou praça pública para a herma; lançou uma campanha pública de arrecadação de fundos para a construção do monumento, bem como definiu uma série de atividades com o mesmo fim: conferências, festivais, bailes, concertos, eventos desportivos etc.¹³ Todo e qualquer “donativo” podia ser enviado à redação do *Progresso*, quando não remetido à sede “provisória” do movimento, na rua Maria Tereza, n. 10, centro de São Paulo. “Com palavras infelizmente não chegaremos ao fim dos grandes empreendimentos”, dizia o *Progresso* aos seus leitores. “Mande, portanto, um óbolo qualquer para a herma a Luiz Gama”.¹⁴ O plano inicial era inaugurar o monumento no “primeiro centenário do nascimento do burilador de *Trovas burlescas*”, que transcorreria em 21 de junho de 1930.¹⁵

Os membros da Comissão promoviam “festivais” para difundir a campanha. Num deles compareceram “senhoras, senhorinhas, cavalheiros e representantes” das associações da “gente de cor”. Alípio Antônio da Silva, presidente da Comissão Pró-Herma a Luiz Gama abriu a sessão, convidando para presidi-la Raul de Moraes, dirigente da associação União Militar. Argentino Celso Wanderley expôs ao “numeroso público” a situação em que se encontrava a campanha: as listas distribuídas, o dinheiro arrecadado e o que tinha sido gasto

até aquele instante. Seguiu-se com a palavra o representante do jornal *O Clarim d'Alvorada*, “agradando bastante pela concisão em que resumiu a sua bem feita oração”. O Sr. Salvador Luiz de Paula, “vergado pelo peso dos anos”, falou com entusiasmo dos tempos áureos em que trabalhava, assim como Luiz Gama, pela libertação dos escravos. E hipotecou apoio, seu e da Sociedade Amigos da Pátria, à causa do *Progresso*. Pela associação Kosmos, Laura de Camargo “trouxe a participação da mulher”; sempre “eficiente e decisiva” nas “grandes batalhas”. José Trajano de Oliveira falou pela associação 28 de Setembro e Victor de Souza pela Barra Funda. Encerrou a série de discurso a “palavra fácil e convincente do jornalista Benedito Florêncio”. Depois de remontar os fatos que “dizem de perto à Raça que ajudou a construir o Brasil”, o cronista do *Diário do Povo*, de Campinas, terminou a sua peroração sob “os mais calorosos” aplausos. Foi digno de nota o “grande número de pessoas” que encheu o salão Giuseppe Verdi para um “festival, onde não se dançava”. Tratava-se, assim, de uma “satisfação pública a um dos mais simpáticos movimentos que se vem fazendo na capital paulista, qual seja, render justiça a um preto, que na época em que nada valia os filhos de Cá, soube destaca-se no nosso meio social”.¹⁶

A campanha foi ganhando a adesão de indivíduos e grupos da capital e das cidades do interior paulista. O Grêmio Dramático Luiz Gama organizou um “festival literário” beneficente em solidariedade à construção da herma. Já o Clube 13 de Maio dos Homens Pretos achou um meio engenhoso para concorrer, em nome de seus associados, para a campanha. Criou ele “um selo amarelo de 1 mil réis”, que foi colocado no “recibo” dos associados. Os “pretos” de Botucatu também concorreriam. Sob a direção da professora Gabriela de Almeida, auxiliada por Joaquim Francisco Ferraz, previa-se, “naquela cidade, uma tómbola, revertendo o produto para a projetada homenagem”.¹⁷ Na cidade de Piracicaba, Alberto de Almeida fez circular no meio negro os propósitos daquele “movimento cívico”. Em Campinas, Jundiá, Rio Claro e mesmo em Uberaba, no interior do estado de Minas Gerais, a campanha igualmente instituiu representantes.¹⁸

Já em Salvador, o “prestativo” Cosme de Farias convenceu *O Jornal* – diário de propriedade de Leopoldo Amaral – a abrir uma “subscrição popular”, que aceitava desde “um tostão até dois mil réis” de todos os baianos ciosos em “homenagear a memória de

seu conterrâneo [...] e prestigiar colegas que aspiram à grandeza da Raça que lançou as pevides da riqueza do Brasil”.¹⁹ De acordo com o *Progresso*, “de dia para dia” crescia mais o “entusiasmo em torno da ideia em levantar uma herma a Luiz Gama, por ocasião do primeiro centenário de seu nascimento”. As adesões vinham não só de “quase todas as cidades do Estado [de São Paulo] como de Minas [Gerais] e Bahia”, o que, segundo o jornal, atestavam que a homenagem que pretendiam franquear ao “filho dileto da desgraça” era “muito justa”.²⁰

Em novembro de 1929, a “edilidade paulistana” subscreveu “cinco contos de réis para a herma”. Esta “generosa dádiva” deveu-se ao “operoso” vereador Synesio Rocha. Segundo a imprensa, seu projeto foi assinado por todos em sessão daquela “municipalidade”, não só em tributo à memória de Luiz Gama, mas também em “atenção à briosa população negra de Piratininga”.²¹ Um mês depois, a “menina Walkiria, na inocência de seus dez anos, abriu entre as suas colegas do Grupo Escolar uma lista cujo produto se destinava à iniciativa do *Progresso*”.²² Todos os domingos, os encarregados da comissão de propaganda da herma percorriam as “[...] associações, pedindo auxílios. As importâncias arrecadadas, porém, não chegavam ainda a um conto de réis [...]” em março de 1930.²³ Os chefes de orquestras de São Paulo decidiram, em abril, concorrer com “uma pedra para o empreendimento do *Progresso*”. Assim, acordaram em tocar num “grandioso baile, para maior brilho da homenagem ao filho dileto da desgraça”. O jornalista Gumerindo Fleury, redator d’*A Gazeta* e “sincero amigo da raça negra”, desde o primeiro momento que se ventilou a ideia de erigir uma herma a Luiz Gama, agitou a causa na grande imprensa, “[...] mostrando assim que esse movimento não é só de pretos, mas de todos aqueles que amam verdadeiramente essa grande porção da América, cujas terras o sangue negro tornou ferazes”.²⁴

De fato, a campanha ganhou cada vez mais abrangência e representatividade. Embora liderado pelos afro-paulistas que se mobilizavam em torno do jornal *Progresso*, o movimento foi transfocal, multirracial e policlassista, aglutinando homens e mulheres; negros e brancos; crianças, jovens e adultos; segmentos subalternos e privilegiados; autoridades e agências da sociedade civil e do poder público, de São Paulo e alhures; em síntese, “[...] todas as classes sociais se agitaram, pressurosas em levar um óbolo à Comissão [Pró-Herma a Luiz Gama]”, a fim de por “[...] em destaque um preto para elevar o moral da Raça”.²⁵

Os recursos angariados até ali eram limitados. Ainda assim, a Comissão contratou o escultor Yolando Mallozzi para produzir o monumento. Considerado um “artista nacional de muito talento, formado pelo Liceu de Artes e Ofícios e autor do monumento a Campos Sales”,²⁶ Mallozzi assumiu o compromisso com afinco, apesar das complicações na sua agenda de trabalho. Surgiu o indicativo do Largo do Arouche, no centro de São Paulo, como local adequado para receber a herma. Tudo transcorria conforme o planejamento inicial, com a inauguração do “bronze que Yolando Mallozzi cinzelou” prevista para acontecer no dia 21 de junho de 1930, data do centenário de nascimento de Luiz Gama.²⁷ Todavia, em atenção a um pedido da imprensa da Bahia, terra natal do homenageado, a Comissão resolveu transferir a inauguração para o dia 24 de agosto, data do falecimento do poeta de *Trovas burlscas*.²⁸ Ademais, o grupo de engenheiros nomeado por Pires do Rio (o então prefeito de São Paulo) para examinar o projeto da herma, ainda não havia apresentado seu parecer.²⁹

Isto não significa que o centenário de nascimento de Luiz Gama – em 21 de junho de 1930 – tenha passado despercebido em São Paulo, conforme destacou o *Correio Paulistano*. A Comissão, que tomou para si a incumbência de erguer um monumento ao “preto genial”, organizou uma série de atividades comemorativas, que se iniciaram pela missa rezada às oito horas, na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Depois da missa, houve uma “romaria” ao túmulo de Luiz Gama, no cemitério da Consolação. À noite, no teatro Apolo, Pedro de Oliveira Ribeiro Netto – um promotor público – fez uma conferência sobre o “grande abolicionista”. Discursou também Lino Guedes, em nome dos “pretos” de São Paulo. Por fim, um “ato variado” em que tomaram parte “amadores e artistas”. Assistiu-se ao “curso da declamadora Maria Oliva da Silva, dos Sertanejos Paulistas, do barítono Max Cardoso, do Grupo Negro de Revistas, de Luly Malaga e Alonsito”. Entre uma atração e outra, a banda de músicos da Guarda Civil tocou, para o deleite de todos que compareceram àquela sessão comemorativa. Ainda previa-se, para o dia 24, uma partida de futebol entre o Clube Atlético Brasil, “[...] composto de homens pretos, e um combinado branco”. O jogo seria na “praça de *sports* do São Paulo F. C.”.³⁰

A Comissão continuou com o bloco da campanha na rua. Depois de examinarem o projeto apresentado, os engenheiros da

Prefeitura finalmente emitiram um parecer, determinando que a Comissão fizesse uma “ligeira” modificação no pedestal, “para que assim melhor a herma se adaptasse ao local escolhido, que era a parte ajardinada do Largo do Arouche”.³¹ Dos “negros da Bahia”, houve a promessa de enviar a tempo o pedestal para assentar a herma.³² No entanto, a obra do escultor Yolando Mallozzi, que deveria ser inaugurada na data do 48º aniversário do passamento de Luiz Gama em 24 de agosto de 1930, não o foi, “por motivos superiores”, segundo o *Diário Nacional*. Isto não impediu que a Comissão e outros segmentos da sociedade celebrassem a efeméride. Às oito horas, houve uma missa de “ação de graças” na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, “[...] assistida por grande número de pessoas, delegações de todas as associações de São Paulo e de representantes da imprensa”. As lojas maçônicas América e Luiz Gama lideraram uma “romaria” que, saindo às 9h30min da praça da Sé, dirigiu-se ao cemitério da Consolação, onde depositaram flores no túmulo do “grande abolicionista”. A loja maçônica Luiz Gama rendeu-lhe outra homenagem em sua sede, descerrando o busto do “advogado dos oprimidos”. À noite, Lino Guedes fez uma conferência na Rádio Educadora Paulista, versando sobre a vida do poeta das *Trovas burlescas*.³³

Parece que o adiamento, pela segunda vez, da inauguração da herma a Luiz Gama esmoreceu um pouco aquele “movimento cívico”. Não foi por acaso que Lino Guedes, em sua conferência, fez um apelo latejante a “todos, e aos pretos em particular”, para que cerrassem fileiras em torno da Comissão, a fim de dotarem São Paulo de mais um monumento que “[...] correspondesse ao seu progresso, falando alto da pureza de alma dos negros”. O editor do *Progresso* terminou a sua alocação aconselhando aos “[...] pretos que se preparassem para as lutas de sua emancipação moral para a grandeza do Brasil que eles ajudaram a construir”.³⁴ Lino Guedes nem imaginava o que estava por acontecer no país.

Em três de outubro de 1930, um movimento golpista estourou em Minas Gerais no e Rio Grande do Sul e rapidamente se alastrou por vários estados do Nordeste. Vinte e um dias mais tarde, seus líderes militares depuseram o então presidente Washington Luís, no Rio de Janeiro, e entregaram o governo do país a Getúlio Vargas, empossado na Presidência da República em três de novembro de 1930. Este fato – conhecido na historiografia como a *Revolução de 1930* – marcou o fim

da Primeira República e o início de novos tempos no cenário nacional, naquela altura mal definido (FERREIRA; PINTO, 2008). “O grande movimento armado, que deu novos rumos políticos ao Brasil, não foi o bastante para impedir nossos passos [...]”, frisava os redatores do *Progresso*. “Naqueles dias agitados não deixamos à margem o nosso ideal – erguer em nome dos pretos do Brasil uma herma a Luiz Gama”.³⁵

Realmente, os trabalhos da Comissão não cessaram frente ao torvelinho de acontecimentos relacionados à Revolução de 1930. Pelo contrário, com a chegada de Vargas ao poder, parece que o movimento em prol da construção do monumento ganhou novo alento, na medida em que os canais de diálogo e negociação com o poder público foram estreitados.³⁶ João Alberto – interventor federal em São Paulo nomeado por Vargas – prometeu receber a Comissão Pró-Herma a Luiz Gama. Por intermédio de seu secretário, a maior autoridade do Estado teria declarado seu interesse em saber o que se tinha feito até aquele instante para a homenagem que seria “prestada, com muita justiça, a um dos pretos que mais trabalharam pela democracia, no Império do Brasil”.³⁷ Ainda no mês de novembro, a Comissão “[...] entrou em entendimento com os vários representantes dos Estados, que estiveram em São Paulo, tornando assim mais nacional esta causa de todos [...]”, noticiou o *Progresso*.³⁸ No início do ano de 1931, Anhaia Mello, o novo prefeito da cidade bandeirante, assinou o decreto autorizando a colocação da herma de Luiz Gama:

O prefeito do município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 4º, combinado com o parágrafo 4º, do art. 11º, do decreto federal n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, decreta:

Art. 1º. – Fica autorizada a colocação da herma de Luiz Gama, na parte alta do largo do Arouche, de conformidade com o projeto apresentado pela Comissão Pró-Herma deste grande abolicionista, projeto este que foi aprovado nos termos do parágrafo 1º, do art. 577 do Código de Obras (Lei n. 3.427, de 19 de novembro de 1920);

Art. 2º. – Revogam-se as disposições em contrário.³⁹

Afora a assinatura do decreto, o prefeito Anhaia Mello recebeu a Comissão em audiência, quando demonstrou a impossibilidade de “[...] concorrer o governo municipal com os cinco contos de réis [...]” solicitados para custear todas as despesas relacionadas à herma. Prontificou-se, entretanto, a conceder, por quantas vezes fossem necessárias, o teatro Municipal para, “em espetáculos patrocinados diretamente pelas altas autoridades do Estado”, a Comissão pudesse obter os “meios” de que carecesse.⁴⁰ Ficou decidido então que a Prefeitura incentivaria “festivais em benefício da construção do monumento”.⁴¹ Em fevereiro de 1931, o *Progresso* anunciava de maneira efusiva na primeira página:

Teatro Municipal. Grande espetáculo de gala no dia 28 de março, em benefício da herma a Luiz Gama, patrocinado pelos Exmos. Srs. Cel. João Alberto Lins de Vasconcellos; General Isidoro Dias Lopes, Comandante da II Região Militar; General Miguel Costa, Secretário de Segurança Pública; Dr. Luiz Anhaia Mello, Prefeito Municipal e Dr. José Carlos de Macedo Soares, ex-presidente da Associação Comercial de S. Paulo e ex-secretário do Interior do Governo Provisório.⁴²

Quando chegou ao mês de março, o *Diário Nacional* produziu várias reportagens sobre o “espetáculo de gala”. Os professores Marcelo Tupinambá e Noêmia do Nascimento Gama, responsáveis pelas atrações do evento, estavam definindo os últimos ajustes da programação, que previa reunir as “altas autoridades do Estado” e um “ato variado desempenhado exclusivamente por artistas negros”. Os ingressos, vendidos a preços “módicos”, estavam tendo “grande” procura.⁴³ No dia 28 daquele mês, realizou-se o tão aguardado “festival” no Teatro Municipal, sob os auspícios do “governo do Estado em auxílio à construção da herma” de Luiz Gama. O principal teatro de São Paulo ficou “repleto de pessoas de todas as classes sociais representantes dos secretários de Estado, diretores das diversas sociedades”. Às 21 horas, precisamente, deu-se início ao “festival”. Falou Lino Guedes, que fez uma rápida preleção sobre o valor dos negros na escravidão. Citou os abolicionistas; todos unânimes em propugnar pela liberdade da raça “[...] que construiu os nossos lares e contribuiu

para o desenvolvimento da Pátria que tanto amamos”. Teve depois a palavra o “ilustre” Cardoso de Mello Netto – professor da Faculdade de Direito de São Paulo –, que disse de início ser aquela reunião “a maior consagração que se poderia prestar à memória de Luiz Gama”, pois ali se “[...] cultuava a vida daquele que fez de toda a sua existência um lábaro a cuja sombra amiga se abrigavam os desprotegidos da sorte”. Fez, em seguida, um estudo sobre a individualidade literária, jornalística e jurídica do filho de Luiza Mahim. Em todos os “transes” da vida do “grande abolicionista”, encontrou o “ilustre” professor motivos “encomiásticos” e com a “eloquência e a palavra fácil que lhe é peculiar”, discorreu “proficientemente sobre a vida e a obra de Luiz Gama”. Na segunda parte do “festival”, houve apresentações musicais, declamações de poesia e encenação do espetáculo *Vigília de Pai João*, peça “moderna” que Lino Guedes escreveu.⁴⁴

Chama a atenção a capacidade de articulação da Comissão Pró-Herma. Procurando sensibilizar o interventor federal em São Paulo e estabelecendo uma interlocução com o prefeito da cidade, o movimento capitalizava (ou procurava capitalizar) o capital político de pessoas e grupos de todas as cores, de todas as origens sociais – dos mais humildes aos mais influentes. A partir do “festival” no teatro Municipal de São Paulo, a campanha adquiriu mais visibilidade pública, o que resultou em novas adesões. Em reunião efetuada no Clube Universitário, “com a presença dos presidentes de todos os Centros Acadêmicos”, ficou deliberado que aquela organização estudantil apoiaria a “feliz” iniciativa de um “grupo de elementos da raça negra para a construção de uma herma ao grande abolicionista Luiz Gama”.⁴⁵ O Grêmio Recreativo dos Aliados, localizado em Santos, também aderiu à campanha. Já o Centro Internacional, uma organização ligada ao movimento operário daquela cidade do litoral paulista, promoveu no dia doze de maio – véspera da data comemorativa da Abolição do cativeiro – um “festival”, cujo produto pecuniário foi revertido à campanha.⁴⁶

Naquele mesmo mês, a gaúcha Yolanda Pereira – a primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo – viajou a São Paulo, onde foi entrevistada por Lino Guedes no salão do hotel Esplanada. Ao tomar conhecimento da campanha, a miss, que se encontrava no apogeu da fama, doou à “Comissão Pró-Herma a Luiz Gama” uma “valiosa” contribuição: dois leques, com direito a dedicatórias. Esses leques seriam adquiridos por meio de subscrição pública, “em

nome das mães pretas de São Paulo”. Solicitado pela Comissão, o *Diário da Noite* abriu uma subscrição para a compra dos leques. Um grupo de “mulheres de cor” então resolveu organizar um baile “caipira” no salão Itália Fausta, cuja arrecadação seria entregue ao *Diário da Noite*, para a aquisição dos leques. “A esse baile”, informava o *Progresso*, “[...] que é o primeiro no gênero organizado em São Paulo nos meios pretos, ninguém deve deixar de comparecer, para que a contribuição nossa não seja inferior ao que o *Diário* tem recebido”. A Casa Eurico, “[...] concorrendo também para a herma [...]”, ofereceu à Comissão uma “valiosíssima joia”, que seria sorteada entre os que comparecerem ao baile “caipira”.⁴⁷

O “Quadro de damas” do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos prometeu o pedestal da herma. Para tanto, organizou um “festival” beneficente que se “[...] caracterizou pela animação e pelo marcado cunho de distinção”. Houve números musicais, recital de poesia e apresentação teatral. Em julho de 1931, o trabalho da Comissão caminhava para a reta final. O escultor Yolando Mallozzi entregou o busto em gesso à fundição que ultimaria a sua obra. E o pedestal em granito, oferta do “Quadro de damas” do Campos Elyseos, já tinha sido encomendado.⁴⁸ Este grupo carnavalesco ainda promoveria em sua sede um evento para rifar a “joia” que a Casa Eurico deu a Comissão. A “tômbola” ocorreria durante o “Baile da roça”, agendado para acontecer no dia doze de setembro. “Ninguém deve deixar de concorrer para o brilho da iniciativa do Campos Elyseos”, alardeava o *Progresso*, “[...] não só porque o barrete da Casa Eurico é de alto preço, como mais uma vez ajudará a erguer o marco pelo qual os pretos devem nortear os seus sentimentos”.⁴⁹

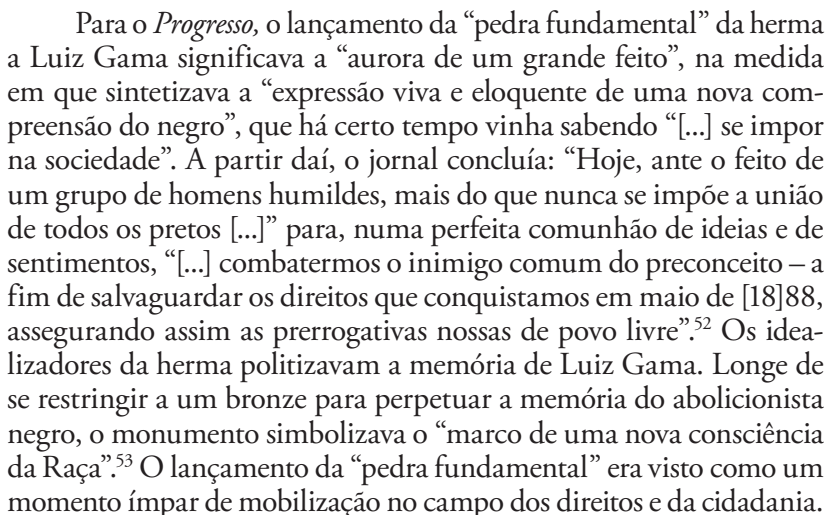
Percebe-se como o movimento em prol da herma a Luiz Gama foi amplo e diversificado, costurando um surpreendente arco de alianças de diferentes atores e segmentos da sociedade civil e do poder público. Enredou homens e mulheres, negros e brancos, pobres e ricos, jovens e adultos, estudantes e professores; jornalistas, intelectuais, artistas, escritores, profissionais liberais, comerciantes, políticos (vereadores e deputados), celebridades (como a Miss Universo), autoridades civis (secretários de governo, prefeitos e governadores) e militares (coronéis e generais), representantes dos universitários, dos trabalhadores e dos empresários; imprensa, maçonaria, associações cívicas, sem falar nos distintos agrupamentos dos “homens de cor”:

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, clubes sociais, centros cívicos, grêmios literários, sociedades beneficentes, blocos carnavalescos e associações desportivas. Todos esses sujeitos coletivos apropriavam-se da memória de Luiz Gama, mas de maneira seletiva. Em meio a um universo de conflitos sociais e disputas simbólicas, a memória era instrumentalizada em busca da legitimação de diferentes expectativas, projetos e causas (AZEVEDO, 1999, p. 270). Para a Comissão ligada ao jornal *Progresso*, enaltecer a memória do abolicionista negro assumia um sentido político, na medida em que instituía um movimento que conferia visibilidade à “raça” e sensibilizava a opinião pública a seu favor. Esse processo de politização em torno da memória de Luiz Gama contribuiu para que o pleito de sua herma prosperasse.

A aurora de um grande feito

Finalmente a Comissão conseguiu amealhar recursos suficientes para arcar com todas as despesas relacionadas à produção da estátua.⁵⁰ Domingo, quinze de novembro de 1931. Por volta das nove horas da manhã, iniciou-se, na parte ajardinada do Largo do Arouche, no coração de São Paulo, a solenidade de lançamento da “pedra fundamental” da herma a Luiz Gama. A grande imprensa fez a cobertura do evento. Após a “leitura da ata”, houve sessão de discursos. Carlos de Macedo Soares, ex-presidente da Associação Comercial de São Paulo, manifestou ter tido a “maior satisfação” em aceitar o convite para paraninfar a solenidade. Referiu-se, em seguida, à “tenacidade e força de vontade dos negros” e à importância do “legendário” abolicionista homenageado. Ao término do discurso, colocou a pedra fundamental do monumento, sendo aplaudido por todos os presentes. Fizeram uso da palavra, ainda, Paulo Estevam dos Santos, “[...] em nome das agremiações de homens de cor, e Lino Guedes, o secretário-geral da Comissão promotora da homenagem a Luiz Gama, que pronunciou um discurso exaltando o grande abolicionista”.⁵¹

Fonte: A Gazeta. São Paulo, 16/11/1931.



Ao evocarem um personagem do passado, os negros deveriam mirar nas questões do tempo presente, pautando na opinião pública seus problemas, dilemas e desafios para a superação do “preconceito”.

Depois de mais de dois anos de mobilização e vários reveses, a campanha foi coroada de êxito. No dia 22 de novembro de 1931, um domingo, foi “[...] perpetuada, no bronze, a memória de Luiz Gama, erigindo-lhe uma herma numa das principais praças de São Paulo”. A programação das homenagens foi longa e, mais uma vez, o evento contou com a cobertura da grande imprensa. Teve início às 8h00min, na igreja dos Remédios, com a celebração de “missa cantada”, em intenção da alma de todos os abolicionistas. Após esse ato, houve um cortejo que, acompanhado pela corporação musical da Guarda Civil, dirigiu-se ao Largo do Arouche, onde já encontravam-se “presentes as autoridades estaduais e municipais, além de elevado número de pessoas de cor vindas do interior”. Deu-se então início à cerimônia de inauguração da herma. Falaram diversos oradores, entre os quais Lino Guedes, o secretário-geral da Comissão patrocinadora das homenagens a Luiz Gama. Em “palavras entusiásticas” pôs em relevo o “[...] espantoso progresso que os negros fizeram em quarenta e poucos anos de liberdade”. Ainda pautou, em seu discurso, alguns problemas enfrentados pelos patrícios e terminou por “[...] oferecer à guarda da cidade de São Paulo a efígie do ídolo de sua raça”. Em seguida os paraninfos – o tenente Veríssimo Glória e a senhorita Leontina Martins Bonilha – descobriram a herma. De autoria do escultor Yolando Mallozzi, o monumento trazia contornos plásticos nítidos. Sobre o pedestal de granito, ficava assentado o busto. À frente, os dizeres: “A Luiz Gama. Por iniciativa do *Progresso*, homenagem dos pretos do Brasil”. Esta inscrição ficava gravada em uma chapa de bronze em forma de pergaminho desdobrando-se. Em outra placa, às costas do busto, ficava inscrito o nome das pessoas da Comissão executiva. Em uma das faces laterais, gravada com letras de ouro, a inscrição: “Corporificou todos os [anseios] de um povo infeliz”. Do outro lado, gravados também em ouro, os dizeres: “Foi até ao sacrifício por um Brasil sem escravos”. Durante a cerimônia, também falaram Antônio Gonçalves Monte Serrat, pelo Clube 13 de Maio dos Homens Pretos; Paulo Estevam dos Santos, pelo Grêmio Carnavalesco Campos Elyseos; Arlindo Veiga dos Santos, pela Frente Negra Brasileira; Vicente Ferreira, pela associação União Militar; Silvério Rodrigues, pelos “pretos da Bahia”; Alberto Orlando, pelo jornal *Progresso* e o tenente Veríssimo

**Figura 3 – Evento de inauguração da herma de Luiz da Gama,
no Largo do Arouche**



Considerações finais

Com capacidade de diálogo e poder de negociação, a Comissão Pró-Herma a Luiz Gama conseguiu engendrar uma campanha que congregou pessoas e grupos de múltiplos segmentos da sociedade civil e do poder público. Graças a essa coalizão de forças (transfocal, multirracial e policlassista) foi possível edificar um monumento para manter viva e cristalizar a memória de um ícone negro. Todavia, não se deve ler a herma apenas como uma conquista simbólica e identitária. Para além de uma efígie ou a materialização de um ícone, ela traduziu um significado político referencial. A própria campanha do monumento serviu de vitrine para discutir as questões, as aspirações e as demandas da “população de cor”, de modo que a tão sonhada ampliação dos direitos e da cidadania entrou no jogo. Nas páginas dos jornais, nas plenárias, nos atos públicos, nas manifestações cívicas, a retórica política fez-se presente e não se restringiu ao exercício de culto ao “herói da raça”. Catalisando uma polifonia de discursos, motivações e interesses, a memória do ícone negro foi apropriada na perspectiva da “utopia redentora de um povo”, atendendo (ou procurando atender) às suas expectativas, aos seus anseios e ao seu sonho de igualdade.⁵⁵

Ao longo da década de 1930, a herma de Luiz Gama converteu-se num ponto de referência para as associações da “população de cor”. Todos os anos, elas agenciavam mobilizações, visitas ou atos entorno do monumento. Em treze de maio de 1932, a Frente Negra Brasileira (FNB) comemorou a passagem da data da abolição da escravidão com “significativo entusiasmo”. Pela manhã, foi rezada missa na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, com a presença de “centenas de homens de cor”. Após o ato religioso, na sede da FNB, deu-se a concentração de membros da associação, para uma passeata rumo à herma de Luiz Gama. Chegando ao Largo do Arouche, o “préstito” fez uma parada, quando Arlindo Veiga dos Santos e Vicente Ferreira – presidente e orador, respectivamente, da FNB – falaram sobre o significado da data e sobre o “grande patrono da raça”, bem como pautaram as finalidades e conquistas da associação.⁵⁶ O Clube Negro de Cultura Social (CNCS) comemorava aquela efeméride com a “tradicional” corrida de “13 de Maio”. Em 1937, a prova teve seu início em frente à herma de Luiz Gama, às 20h30min, quando foi procedida a chamada dos

atletas. Uma comissão feminina do CNCS, encabeçada por Pedrina Alvarenga e Paulina Maurício, efetuou a entrega de um buquê de flores para o atleta vencedor da prova e este depositou o buquê ao pé da herma do “grande abolicionista”. Fez uso da palavra Salathiel Campos, o diretor desportivo de *O Correio Paulistano*.⁵⁷ Já a Legião Negra, prestava “significativas homenagens” a Luiz Gama na data de seu aniversário de falecimento – 24 de agosto. Em 1935, haveria uma “sessão cívica” na sede social da Legião Negra e às treze horas a agremiação se concentraria no Largo do Arouche diante da herma do autor de *Trovas burlescas*, “fazendo-se, então, ouvir diversos oradores”.⁵⁸

Assim, ao longo da década de 1930 confirmava-se a percepção compartilhada pelos protagonistas daquela história: o busto de Luiz Gama não foi feito apenas do “opaco e frio metal”, mas sua edificação consubstanciava, também e sobretudo, o “calor das experiências, dos sonhos, projetos e desejos de tempos e sujeitos diversos” (AZEVEDO, 1999, p. 272). Para o grupo de negros que se aglutinava em torno do periódico *Progresso*, “plantar na praça pública o vulto do autor de *Trovas burlescas*” possibilitava acenar para a “gloriosa redenção, para a sublime ressurreição moral e social da Raça”.⁵⁹

THE DAWN OF A GREAT DEED: A HERMA TO LUIZ GAMA

Abstract: The aim of the current article is to rebuild Luiz Gama’s campaign trajectory in São Paulo between 1929 and 1931 through the construction of a herma in honor to him. There is also the aim of showing how the campaign was used by “colored men” to draw the attention to one of their major icons in History. However, such racial mobilization did not have a symbolic sense only; it was the bias that triggered the debate about social insertion matters and expectations, about acknowledgement and citizenship of “colored men”. The campaign also acquired political meanings and shapes.

Keywords: “colored men”; memory; monument; post-abolition.

Notas

¹ “Dívidas esquecidas”. *Progresso*. São Paulo, 31.08.1929, p. 2.

² “Nosso dever”. *Progresso*. São Paulo, 26.09.1929, p. 1.

³ Num estudo sobre o “monumento negro”, Ordep Serra examina a experiência pioneira de reconhecimento do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador, como patrimônio histórico e cultural do Brasil. O antropólogo comenta que, antes do processo que culminou no tombamento daquele terreiro em 1984, eram incomuns no Brasil as expressões “patrimônio negro” e “movimento negro” (SERRA, 2005).

⁴ “O ‘Progresso’”. *Progresso*. São Paulo, 23.06.1928, p. 1.

⁵ Sobre história de vida de Lino Guedes – um jornalista negro oriundo de Campinas que fez carreira na grande imprensa paulistana – e sua produção literária, ver Jane Malinoff (1982), Petrônio Domingues (2010) e Heloísa Toller Gomes (2011).

⁶ *Progresso*. São Paulo, 20.04.1930, p. 1. A respeito da *imprensa negra* paulista, consultar Roger Bastide (1951), Miriam Nicolau Ferrara (1986), Kim D. Butler (1998, p. 210-227), Micol Seigel (2009, p. 179-205) e Regina Pahim Pinto (2013, p. 77-86).

⁷ “Luiz Gama”. *Progresso*. São Paulo, 19.08.1928, p. 1 (grifo do autor).

⁸ *Diário de São Paulo*. São Paulo, 17.11.1931, p. 4. Ver também *Progresso*. São Paulo, 20.09.1931, p. 1 (grifos do autor).

⁹ O relato acerca da biografia de Luiz Gama baseia-se nas pesquisas de Sud Mennucci (1938), Elciene Azevedo (1999; 2010) e Ligia Fonseca Ferreira (2011).

¹⁰ Sobre as associações negras em São Paulo no pós-abolição, ver Kim D. Butler (1992; 1998), José Carlos Gomes da Silva (1998), George Reid Andrews (1998, p. 218-241), Flávio Gomes (2005), Micol Seigel (2009, p. 179-205), Paulina L. Alberto (2011, p. 23-68) e Regina Pahim Pinto (2013, p. 87-121).

¹¹ “Luiz Gama, o poeta negro que cantou a dor do negro”. *Diário Nacional*. São Paulo, 12.10.1929, p. 1.

¹² Em 1909, há notícias esparsas de que os “homens de cor” de São Paulo cogitaram levantar em praça pública da capital uma herma ao “grande abolicionista Luiz Gama”, mas, ao que tudo indica, tal ideia não prosperou. Ver “Serviço telegráfico”. *A Federação*. Porto Alegre, 23.06.1909, p. 4; “Notas”. *A Razão*. Estância, 11.07.1909, p. 2.

¹³ *Diário de São Paulo*. São Paulo, 13.05.1931, p. 8.

¹⁴ *Progresso*. São Paulo, 24.11.1929, p. 2.

¹⁵ “Luiz Gama, o mestiço que fez a abolição vai ter uma herma”. *Progresso*. São Paulo, 31.10.1929, p. 1.

¹⁶ “A força da palavra”. *Progresso*. São Paulo, 15.02.1930, p. 1-2.

¹⁷ “Justa consagração”. *Progresso*. São Paulo, 20.04.1930, p. 1.

¹⁸ *Progresso*. São Paulo, 30.01.1930, p. 1.

¹⁹ “A voz do bronze”. *Progresso*. São Paulo, 21.12.1929, p. 1.

²⁰ “A voz do bronze”. *Progresso*. São Paulo, 21.12.1929, p. 1. Ver também “Duas hermas estão para ser erigidas nesta capital”. *Diário Nacional*. São Paulo, 12.03.1930, p. 5.

- ²¹ “Filho dileto da desgraça”. *Progresso*. São Paulo, 24.11.1929, p. 1.
- ²² *Progresso*. São Paulo, 30.01.1930, p. 1.
- ²³ “Duas hermas estão para ser erigidas nesta capital”. *Diário Nacional*. São Paulo, 12.03.1930, p. 5.
- ²⁴ “Justa consagração”. *Progresso*. São Paulo, 20.04.1930, p. 1.
- ²⁵ *Progresso*. São Paulo, 30.01.1930, p. 1.
- ²⁶ “No dia 8 de novembro será lançada a primeira pedra da herma a Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 08.10.1931, p. 8.
- ²⁷ “Centenário do nascimento de Luiz Gama”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 18.06.1930, p. 14.
- ²⁸ “Centenário de Luiz Gama”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 21.06.1930, p. 1.
- ²⁹ “A morte do lutador”. *Progresso*. São Paulo, 20.08.1930, p. 1.
- ³⁰ “Centenário de Luiz Gama”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 21.06.1930, p. 1;
“O centenário de Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 21.06.1930, p. 5.
- ³¹ “Marco glorioso”. *Progresso*. São Paulo, 31.07.1930, p. 1.
- ³² “O centenário de Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 21.06.1930, p. 5.
- ³³ “O aniversário da morte de Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 24.08.1930, p. 7;
“Um grande gesto de nobre coração”. *Progresso*. São Paulo, 28.09.1930, p. 1.
- ³⁴ “Um grande gesto de nobre coração”. *Progresso*. São Paulo, 28.09.1930, p. 1.
- ³⁵ “A herma”. *Progresso*. São Paulo, 30.11.1930, p. 1.
- ³⁶ A respeito do governo Vargas e a questão social, consultar R. S. Rose (2001), Robert M. Levine (2001) e Boris Fausto (2006).
- ³⁷ “Luiz Gama”. *Progresso*. São Paulo, dezembro de 1930, p. 1.
- ³⁸ “A herma”. *Progresso*. São Paulo, 30.11.1930, p. 1.
- ³⁹ “A herma de Luiz Gama será localizada no largo do Arouche”. *Diário Nacional*. São Paulo, 07.02.1931, p. 4.
- ⁴⁰ “Vai ser colocada no Largo do Arouche a herma de Luiz Gama”. *Progresso*. São Paulo, fevereiro de 1931, p. 1.
- ⁴¹ “Uma linda atitude”. *Progresso*. São Paulo, janeiro de 1931, p. 1.
- ⁴² “Vai ser colocada no Largo do Arouche a herma de Luiz Gama”. *Progresso*. São Paulo, fevereiro de 1931, p. 1.
- ⁴³ “O espetáculo no Municipal pró-herma Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 14.03.1931, p. 2;
“A herma de Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 18.03.1931, p. 2;
“A herma de Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 26.03.1931, p. 10.
- ⁴⁴ “O festival do dia vinte e oito”. *Progresso*. São Paulo, abril de 1931, p. 1.
- ⁴⁵ “A herma a Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 03.03.1931, p. 2.
- ⁴⁶ “Balancete”. *Progresso*. São Paulo, 20.09.1931, p. 1.
- ⁴⁷ “Miss universo e a herma a Luiz Gama”. *Progresso*. São Paulo, 31.05.1931, p. 1-2.
Sobre o baile “caipira” em benefício do monumento a Luiz Gama, ver também “A grande iniciativa do *Progresso* sempre vitoriosa!”. *Progresso*. São Paulo, 23.06.1931, p. 1.

⁴⁸ “O bronze da gratidão”. *Progresso*. São Paulo, 31.07.1931, p. 1.

⁴⁹ “Nobre iniciativa”. *Progresso*. São Paulo, 30.08.1931, p. 1.

⁵⁰ Conforme o *Diário Nacional* relatou posteriormente, a Comissão arrecadou a soma de dez contos de réis: “Há três anos o *Progresso*, órgão semanal que defende os interesses da raça negra, lançou a ideia de uma herma a Luiz Gama, incansável batalhador pela abolição da escravatura no Brasil”. Todavia, “[...] dada a escassez de recursos com que lutam em geral os homens de cor, tiveram que empregar grandes esforços para obter a soma de dez contos de réis, com a qual [contrata-ram] a execução do projeto, da lavra do escultor Yolando Mallozzi”. “No dia 8 de novembro será lançada a primeira pedra da herma a Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 08.10.1931, p. 8.

⁵¹ “Será lançada hoje a primeira pedra da herma a Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 15.11.1931, p. 2. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 17.11.1931, p. 4; “O lançamento da pedra fundamental da erma a Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 17.11.1931, p. 2.

⁵² “Aurora de um grande feito”. *Progresso*. São Paulo, 15.11.1931, p. 1.

⁵³ “A herma do ‘Cavalheiro do ideal’, que se descobrirá no dia 22 de novembro, é o marco de uma nova consciência da Raça”. *Progresso*. São Paulo, 04.10.1931, p. 1.

⁵⁴ *Diário de São Paulo*. São Paulo, 24.11.1931, p. 14; “Foi entregue à cidade a herma de Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 24.11.1931, p. 5; “O bronze da gratidão”. *Progresso*. São Paulo, 31.07.1931, p. 1; “No dia 8 de novembro será lançada a primeira pedra da herma a Luiz Gama”. *Diário Nacional*. São Paulo, 08.10.1931, p. 8. Em texto memorialístico, José Correia Leite relata ter testemunhado a inauguração da herma a Luiz Gama e que o evento causou grande impressão, até mesmo entre os jornalistas e intelectuais: “A comissão que o Argentino [Celso Wanderlei] tinha encabeçado conseguiu terminar a herma do Luiz Gama e houve a inauguração no Largo do Arouche com uma festa muito bonita. O Largo do Arouche ficou coalhado de negros. E houve também a presença de políticos e intelectuais brancos, como por exemplo, o Dr. Macedo Soares, um político de família tradicional. Foi impressionante aquela manifestação. Impressionou tanto que o escritor Afonso Schmidt, o autor do romance abolicionista *A Marcha*, depois de ter estado lá, escreveu um artigo muito bonito, achando que aquilo era o alvorecer da raça negra, que aquela aproximação de toda a coletividade negra poderia fazer outras coisas maiores e melhores que aquele ato cívico em homenagem ao grande precursor do abolicionismo” (LEITE, 1992, p. 88).

⁵⁵ Pesquisando a campanha pela construção de um monumento em homenagem à *Mãe Preta* na segunda metade da década de 1920, Paulina Alberto percebeu que os ativistas e intelectuais negros do eixo Rio de Janeiro e São Paulo também se aproveitaram dessa campanha em torno de um símbolo afro-brasileiro para colocar em circulação seus objetivos políticos de cidadania e “ideias cambiantes de inclusão racial” (ALBERTO, 2014).

⁵⁶ “As comemorações do dia 13 de Maio em S. Paulo”. *Diário Nacional*. São Paulo, 14.05.1932, p. 8. Sobre as narrativas e políticas raciais na Era Vargas, ver Michael Mitchel (2011) e Jessica Lynn Graham (2010).

⁵⁷ “Corrida hoje, pela quarta vez, a prova ‘13 de Maio’”. *Correio de São Paulo*. São Paulo, 13.05.1937, p. 4.

⁵⁸ “Campanha do mil réis”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 20.08.1935, p. 2.

⁵⁹ “A herma”. *Progresso*. São Paulo, novembro de 1930, p. 1.

Referências

ALBERTO, Paulina L. *Terms of inclusion: black intellectuals in twentieth-century Brazil*. Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 2011.

_____. A Mãe Preta entre o sentimento, ciência e mito: intelectuais negros e as metáforas cambiantes de inclusão racial, 1920-1980. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014. p. 377-401.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru EDUSC, 1998.

ARAÚJO, Ana Lúcia. *Public memory of slavery: victims and perpetrators in the South Atlantic*. Amherst, New York: Cambria Press, 2010.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na Imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

_____. *O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionismo na província de São Paulo*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia*, São Paulo, v. CXXI, n. 2, 1951, p. 50-78.

BUTLER, Kim D. Up from slavery: afro-brazilian activism in São Paulo, 1888-1938. *The Americas*, v. 49, n. 2, 1992, p. 179-206.

_____. *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.

DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravo a elite de cor. *Afro-Ásia*, n. 41, 2010, p. 133-166.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista, 1915-1963*. São Paulo: Ed. FFLCH-USP, 1986.

FERREIRA, Lígia Fonseca (Org.). *Com a palavra Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930*. v. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 387-415.

GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOMES, Heloísa Toller. Lino Guedes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: ontologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, vol. 1, 2011, p. 349-363.

GRAHAM, Jessica Lynn. *Representations of racial democracy: race, national identity, and state cultural policy in the United States and Brazil (1930-1945)*. Tese (Doutorado em História), University of Chicago, 2010.

LEITE, José Correia. ...*E disse o velho militante José Correia Leite*: depoimentos e artigos. Organizado por Cuti (Luiz Silva). São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres?: o Brasil e a era Vargas*. Tradução de Anna de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MALINOFF, Jane. *Poetry for the people: Lino Guedes and black folk style in early twentieth century afro-brazilian verse*. *Research in African Literatures*, v. 13, n. 3, 1982, p. 366-382.

MENNUCCI, Sud. *O precursor do abolicionismo no Brasil*. Luiz Gama. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.

MITCHELL, Michael. "Os movimentos sociais negros na Era Vargas". In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). *Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011. p. 185-201.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.

ROSE, Robert Sterling. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e controle social no Brasil (1930-1954)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEIGEL, Micol. Mães pretas, filhos cidadãos. In: GOMES, Flávio dos Santos;

CUNHA, Olívia Maria Gomes da (Orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 315-346.

_____. *Uneven encounters: making race and nation in Brazil and The United States*. Durham, NC: Duke University Press, 2009.

SERRA, Ordep. Monumentos negros: uma experiência. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 33, 2005, p. 169-205.

SILVA, José Carlos Gomes da. Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania. In: NIEMEYER, Ana Maria de; GODÓI, Emília Pietrafesa de (Orgs.). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado Aberto, 1998. p. 65-96.

Recebido em: 06/ 03/ 2015

Aprovado em: 20/ 09/ 2016